

PRÓXIMA EXPOSIÇÃO

18 novembro 2017
Site-specific - Pedro Tudela
no MIRA | artes performativas
Curadoria: José Maia

Mira Técnica

Exposição de Mafalda Santos e Manuel Mesquita

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *José Maia*

Texto crítico *Joaquim P. Marques Pinto*

Assistente de Galeria/Press Officer *Patrícia Barbosa*

Fotografia / Vídeo *Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, José Vaz e Silva e Rui Apolinário*

AGRADECIMENTOS

Clementina Santos, Fátima Almeida



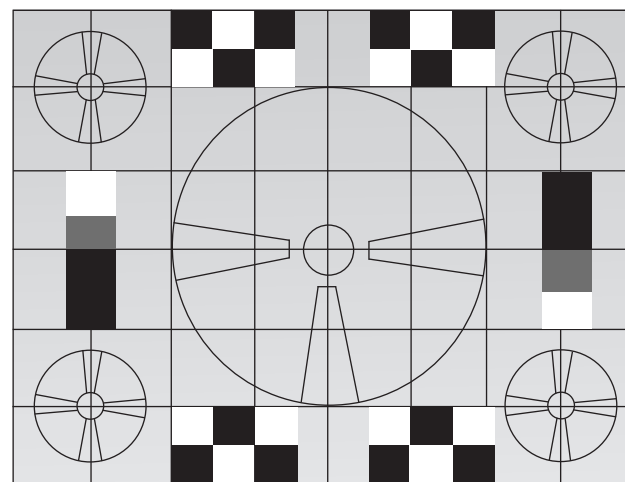
ESPAÇO MIRA

Rua de Mirafior nº 159 Campanhã, Porto
Terça a sábado, das 15:00 às 19:00
Entrada Livre

929 145 191 - 929 113 431
contacto@espacomira.net
www.facebook.com/espacomirafotografia

MIRA TÉCNICA

MAFALDA SANTOS E MANUEL MESQUITA



Curadoria / José Maia
14 out - 18 nov 2017

Mira Técnica, 2017

Instalação vídeo

Projeção contínua

MAFALDA SANTOS

Licenciada em Pintura na Faculdade de Belas Artes do Porto.

Entre 2002 e 2007, foi programadora do espaço PÊSSEGOpráSEMANA, no Porto. Em 2007/2008 foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) na residência artística Location One, em Nova Iorque.

Actualmente gere, juntamente com Manuel Mesquita, o programa de residências artísticas Moinho da Fonte Santa no Alentejo, em Alandroal.

O seu trabalho encontra-se incluído nas colecções portuguesas de António Cachola, das Fundações EDP e Ilídio Pinho, Grupo RAR e Fundação PLMJ.

MANUEL MESQUITA

Nasceu em 1977 em Lisboa e fundou em 2013 a residência artística do Moinho da Fonte Santa juntamente com Mafalda Santos.

Assina como Garcia da Selva os seus projectos musicais a solo e trabalhou com o pintor Michael Biberstein, entre outros, na criação de ambientes sonoros para exposições e instalações.

GARCIA DA SELVA

Garcia da Selva é uma das agências de Manuel Mesquita, artista multifacetado e dotado de uma inesgotável força anímica. Com da Selva, Mesquita articula os elementos contraditórios da nossa situação (tão singular como paradoxal) de pré-urbanidade pós-colonial com os símbolos de uma pop cosmopolita, universal e recursiva. Entre o dândi e o estroina, Garcia destaca-se pela imagem dúplice que deve a influências tão distantes como o hipster, cosmopolita elegante, e o coronel sertanejo, troglodita grosseiro. Eclético, pois claro, Garcia da Selva oferece-nos uma música nefelibata cheia de matizes telúricos: os pés podem não estar assentes na terra mas as mãos não se furtam à lama. (José Roseira)

Da cosmogonia das imagens

Toda a obra de arte foi sempre encontro e revelação

Eduardo Lourenço, *Caderno de Apontamentos (Da Pintura, 2017)*

No início era a imagem como tentativa absoluta de projectar o divino e alcançar a auto-consciência. Sabemos que a história, num sentido amplo, se define na relação essencial entre o homem e a técnica como elementos incontornáveis da própria metamorfose permanente da natureza. Espírito e matéria não se dissociam da mesma maneira que a palavra sagrada dos Evangelhos é capaz de «encarnar» o destino todo da experiência humana.

Os rituais mágicos inscritos na gruta de Lascaux dialogam eternamente com as trágicas figuras da *Guernica*, de Picasso, a invenção do cinema concretiza o sonho mesmo que ficou adormecido numa escultura grega arcaica. A nossa noção de tempo nada é comparada com a evolução cíclica das formas. De alguma maneira, o digital vive já na Pré-história da nossa condição, no interior sensível dos deuses que esculpimos na épica época dos dilúvios.

É este exercício de rememoração que a exposição *Mira Técnica*, criada por Mafalda Santos e Manuel Mesquita nos propõe, uma genealogia de imagens que invocam a pintura, o vídeo, a fotografia e o cinema para repensar a nossa relação dialéctica com as categorias do arcaico e do moderno, do analógico e do virtual, do primitivo e do tecnológico.

O loop do compasso de espera lembra o ícone de um sol que tanto ilumina o movimento das imagens como, nas sociedades antigas, era objecto de culto religioso e sinónimo de vida para as comunidades agrárias. Veja-se ainda a tela em que corre uma imagem a preto e branco, memória do fim das transmissões televisivas ou do negativo fotográfico, transição entre o abstracto e o figurativo para nos «revelar», à semelhança do texto bíblico, uma imanência autónoma apenas acessível à virtude da interpretação.

Ou ainda a sensação de profundidade espacial em que as imagens aparecem e se dissolvem nas suas múltiplas extensões nessa hipnótica espiral que permite a eterna circulação de uma geometria cujo demiurgo conhecemos através da potência redentora da imaginação. O mesmo é dizer: da vasta compreensão que esta cosmogonia de imagens mostra e oculta à sombra da sua luz aparente.

Joaquim Pedro Marques Pinto (Outubro, 2017)